

CABRIÃO: HUMOR E PARÓDIA POLÍTICA¹

Semanário satirizava os costumes, a política e o clero, na São Paulo do final do século XIX

P irracento, amolador, impertinente – assim era *Cabrião*, um personagem dos *Mistérios de Paris*, de Eugène Sue – uma história típica do gênero conhecido como folhetim, assim designado inicialmente porque não ocupava a página inteira dos jornais. Precedendo certo sensacionalismo que só viria mais tarde, com a reportagem policial, o folhetim começou a aparecer nos jornais semanais que eram, na metade do século 19, ainda excessivamente doutrinários, cheios de artigos pesados e bem diferentes do noticiário temperado, leve e variado dos jornais mais modernos. Ocupando um espaço demarcado ao pé das páginas dos jornais, não raro com linhas pontilhadas para o leitor recortar e colecionar, o folhetim foi, sem dúvida, o maior instrumento de divulgação, no século 19, de romances, novelas e, até mesmo, de ensaios, para um

público mais amplo e variado.

Foi mais ou menos assim com o *Cabrião*, um semanário humorístico publicado em São Paulo durante os anos de 1866 e 1867. Respondendo à intrínseca vocação paródica do humor brasileiro, o nome escolhido foi facilmente reconhecido pelo seletor público leitor da época, pois o famoso folhetim de Eugène Sue já havia sido publicado no Brasil vinte anos atrás. *Cabrião* não era um folhetim, mas possuía seções que guardavam uma certa semelhança do gênero, adotando narrativas que terminavam, invariavelmente, como o clássico “continua no número seguinte”, mantendo algum suspense no leitor, como “A História do Cabrião”. “Sobre a romã encantada”, “O penúltimo cavaco” etc. – colunas que se repetiam em vários números. A difusa estrutura folhetesca também pode ser vista na pró-

1. Sobre o *Cabrião*, **semanário humorístico de 1866-1867**, com apresentação de Délio Freire dos Santos, edição *fac-similar*. São Paulo: Unesp/Imprensa Oficial. 408p. Este artigo foi veiculado no jornal O Estado de S. Paulo, em 12 de junho de 2001. p. D-7. (N. Ed.)

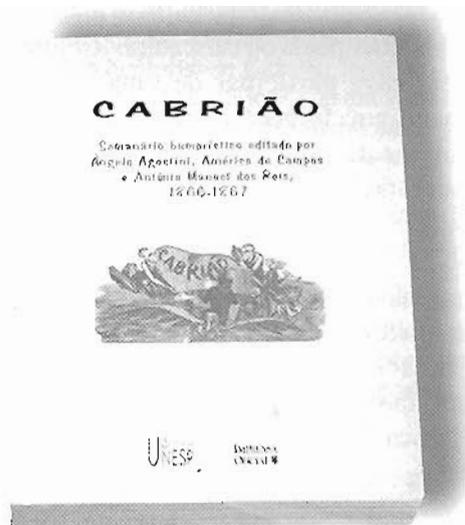
pria dupla de calungas desenhada por Agostini – *Cabrião* – impertinente e gozador – e *Pipelet* – sistemático, regrado e ortodoxo – que se repetiam em todos os números, comentando a vida política na província ou retratando episódios da Guerra do Paraguai. Eram oito páginas, sendo quatro de textos e quatro de caricaturas e desenhos – as pitorescas litografias de Ângelo Agostini – que convidavam os leitores para *cabrionar*, literalmente, para *brincar* ou encher a paciência dos outros, induzindo-os a uma espécie de lúdica cumplicidade na celebração da trapaça e da ambigüidade.

Ambigüidade muito mais presente no humor visual, já que foi exatamente uma

alcoholizados, confraternizando-se em frente ao Cemitério da Consolação. O processo, articulado pela facção católica dos conservadores, acabou não dando em nada, mas recebeu uma ferina resposta visual: uma caricatura de página inteira, com um grande baile de esqueletos e o *Cabrião* no trono, sob o dístico inspirador do comediante, *Ridendo castigat mores* (“Rindo criticamos os costumes”). Os exageros dos redatores em parodiar *Os Mistérios de Paris* aparecem no renitente anticlericalismo das charges e das anedotas, sobretudo aquelas destinadas a satirizar o poder de jesuítas e clérigos já que, numa época onde não havia autonomia da Igreja em relação ao Estado –, a política e os negócios não eram incompatíveis com o sacerdócio. Na verdade, o anti-jesuitismo de Sue vinha a calhar, transformando-se em instrumento para o jornal satirizar o estado de coisas existente na província, estigmatizando sobretudo os políticos conservadores – aqueles para os quais, na curta definição de Nabuco, “a conservação principal era a do governo em suas próprias mãos”.

CRÍTICA À GUERRA DO PARAGUAI

Editado pelos jovens Américo de Campos, Angelo Agostini² e Antônio Manoel dos Reis, o pequeno tablôide filiava-se à linhagem dos liberais do Império que, nestes anos, já começavam a administrar dissidências e cisões (incluindo as dos abolicionistas) em suas próprias fileiras. O *Cabrião* pode



Edição fac-similar de *Cabrião* foi organizada por Délio Freire dos Santos

referência à morte que gerou um processo contra o jornal, por “atentar contra a moral e a religião”: uma cena que mostrava um regabofe entre mortos e vivos

2. Outros artigos sobre os trabalhos de Ângelo Agostini podem ser encontrados em: CAGNIN, Antônio Luís. *130 anos do Diabo Coxo. O primeiro periódico de São Paulo (1864-1994)*. Comunicação & Educação. São Paulo: CCA-ECA-USP/Moderna, n. 1, set./dez. 1994. p. 27-31. _____, *Yellow Kid, o moleque que não era amarelo*. Comunicação & Educação. São Paulo: CCA-ECA-USP/Moderna, n. 7, set./dez. 1996. p. 107-108 (N. Ed.)

mesmo ser considerado uma espécie de antecessor da fundação dos “Clubes Radicais” que, nas diversas províncias, reuniram as facções de liberais insatisfeitos com as intervenções do Imperador, particularmente com aquela última, em 1868, que dissolveu o gabinete liberal e manteve Caxias no comando do exército.

Muitas das sátiras e ironias do *Cabrião* possuem estas peculiaridades políticas, com chaves mais difíceis para o leitor decifrar.

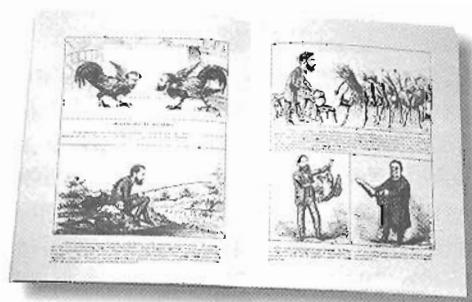
Grande parte do humor do semanário dirigia-se para a moda, os costumes e os comportamentos cotidianos, além de referências irônicas – sempre atuais – à guerra do Paraguai e aos perversos efeitos do recrutamento militar sobre a população.

A moda feminina – com os famosos sonetos dedicados à *saia balão*; a festa do entrudo, com a condenação dos *lançadores de água* que provocavam defluxos e resfriados nos foliões; assim como os impagáveis *Mandamentos do homem de tretas*, *Decálogo de um bêbado* ou *Regras de Economia* são temas recorrentes nas divertidas páginas do *Cabrião*. Algumas vezes envergonhado – tapando o rosto com as mãos para não ver a corrupção na venda de títulos monárquicos – noutras vezes abobalhado, com um monte de medalhas e condecorações alfinetando seu peito nu

– o Brasil é sempre representado, pelo desenho notável de Agostini, como um pobre índio – um Tibiriçá humilhado, transformado num útere nas mãos de *Pipelet* ou do próprio *Cabrião*.

Mas não há nada de agressivo e nem de ressentimento explícito no humor de *Cabrião*. Ainda sob forte impacto de um Iluminismo civilizador, que procurava fazer proselitismo de alguns códigos de comportamento, o humor desta época acreditava, ainda, que o riso persuasivo era, por princípio, um riso decente e não ofensivo. Quando convidava os leitores para *cabrionar*, o pequeno jornal parecia insistir que o simples ato de compartilhar o riso era até mais importante do que o conteúdo específico ou o impacto imediato de qualquer piada ou caricatura. Rir junto significava participar de uma cultura comum, uma forma de comunicação sobre assuntos de interesse mútuo. O humor ajudava assim, ainda que timidamente, a levantar interdições, a construir um espaço público – um campo onde poderiam ser discutidos todos os tipos de idéias, fossem elas políticas, sociais ou morais.

O humor não tem essência. Foi sempre uma construção, uma *invenção* cultural e histórica.



Cabrião, um jornal de crítica e sátira à política e aos costumes da época.

Com uma introdução enciclopédica de Délio Freire dos Santos, o leitor pode ter em mãos um registro precioso e divertido, de uma publicação que catalisou, ao mesmo tempo, o prestígio do folhetim entre o seletivo circuito de leitores da época e o clima de ebulição política, que começou a jogar mais lenha na fogueira do caldeirão do fim do Império.

O *Cabrião* representou um momento importante – e pouquíssimo conhecido – da construção de uma possível linguagem, verbal e visual, do humorismo brasileiro.

(*Cabrião*: humor and political parody)

Resumo: O artigo trata da publicação do livro com os *fac-símiles* das edições do semanário humorístico *Cabrião*, jornal que circulou na cidade de São Paulo entre os anos de 1866 e 1867. O autor retoma as origens do jornal, inspirado no personagem Cabrion de *Os mistérios de Paris*, folhetim de Eugène Sue; e analisa seu perfil humorístico e paródico dos costumes, da política e do clero da cidade. O *Cabrião* foi editado por Ângelo Agostini, Américo de Campos e Antônio Manoel dos Reis por um curto período, mas representou um momento importante da construção das linguagens verbal e visual do humorismo brasileiro.

Palavras-chave: *Cabrião*, humor, jornal, paródia, semanário humorístico

Abstract: The article deals with the publication of a book containing facsimiles of the editions of the *Cabrião* humor seminar. The *Cabrião* was a newspaper that circulated in the city of São Paulo between 1866 and 1867. The author brings up the newspaper's origins, inspired in the Cabrion character, from *The Mysteries of Paris*, a daily chapter of a newspaper serial published by Eugène Sue; and analyses its humoristic and parodic profile of customs, of politics and of the city's clergymen. The *Cabrião* was edited by Ângelo Agostini, Américo de Campos and Antônio Manoel dos Reis for a short period, but represented an important moment in the construction of Brazilian humor's verbal and visual languages.

Key words: *Cabrião*, humor, newspaper, parody, humor seminar